



**(RE) SIGNIFICANDO A INICIAÇÃO ESPORTIVA NO PROJETO VOLEIBOL DA ESEF/UFPEL: A PERSPECTIVA DA INICIAÇÃO ESPORTIVA UNIVERSAL EM FOCO**

**OLIVEIRA, Francisco de Assis Furtado de<sup>1</sup>; SCHELLIN, Fabiane de Oliveira<sup>1</sup>; LACERDA, Igor da Silva<sup>2</sup>; SILVEIRA, Bianca de Moraes da<sup>3</sup>; SANTOS, Cibele Alves dos<sup>3</sup>; COSTA, Ciro de Siqueira<sup>3</sup>; REHLING, Mara Maximila Pereira<sup>3</sup>; ABREU, Roger Vieira<sup>3</sup>; PEREIRA, Sabrina da Silva<sup>3</sup>; YEPSEN, Alice Meyer<sup>3</sup>; RIBEIRO, Camila da Silva<sup>3</sup>; Protas, Markus<sup>3</sup>; RIBEIRO, José Antônio Bicca<sup>3</sup>; TABORDA JÚNIOR, Adir<sup>3</sup>; SOUZA, Emanuele Alves de<sup>3</sup>; NUNES, Tamires Dias<sup>3</sup>; SOARES, Lauren de Oliveira<sup>3</sup>; SEGOVIA, Glauber Ferreira<sup>3</sup>; ROCHEFORT, Renato Siqueira<sup>4</sup>**

1. *Bolsista PET Educação Física /UFPEl*
2. *Voluntário PET Educação Física /UFPEl*
3. *Estudante Graduação em Educação Física/UFPEl*
4. *Professor Orientador*

*fafo.oliveira@gmail.com*  
*fabianeschellin@gmail.com*  
*renatosrvolei@superig.com.br*

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS  
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL**

O trabalho trata-se de um relato de experiência sobre o Projeto Voleibol da ESEF/UFPEl que atende crianças e adolescentes, de ambos os sexos, entre 10 e 14 anos. O projeto começou suas atividades em 1985, com a Iniciação Esportiva em Voleibol como principal foco. A partir de 2008, o projeto vem passando por modificações, tanto administrativas quanto metodológicas. Utilizando a perspectiva da Iniciação Esportiva Universal (IEU), o Projeto Voleibol partiu para uma nova concepção de trabalho, o qual tem como lema o “*Jogar para aprender e não Aprender para jogar*”, da mesma forma que não se pensa em um aprendizado específico para o Voleibol, mas sim um desenvolvimento das capacidades básicas gerais (GRECO, 1998). A proposta metodológica resgata brincadeiras e jogos como experiências favoráveis à estimulação motora e cognitiva. O jogo aparece como uma forma de aprendizado **incidental** e não **intencional**, adotando uma concepção pedagógica de ensino e aprendizagem dos esportes relacionada com os processos de desenvolvimento humano que foi denominada de Sistema de Aprendizagem e Desenvolvimento Esportivo (SADE), constituída de três estruturas que o caracterizam. As relações entre os aspectos de “*o que*” desenvolver (estrutura substantiva); em “*que momento*” (estrutura temporal), e “*de que forma*” (estrutura

pedagógico-metodológica) se estabelecem. A seqüência metodológica, apoiada na concepção da IEU funciona como uma forma de aproximação plural ao esporte, caracterizada pela ordenação: A) *Da aprendizagem tática ao Treinamento tático* que compreende o trabalho com as capacidades táticas básicas, jogos para o desenvolvimento da inteligência tática, criatividade e estruturas funcionais; B) *Da aprendizagem motora ao treinamento tático* enfatizando o desenvolvimento das capacidades coordenativas e as habilidades técnicas; C) *Treinamento técnico* onde o treino da tática, da técnica e a integração físico técnico-tático são enfatizados (GRECO e BENDA, 1998).

Ao analisar-se criticamente o esporte infante-juvenil, o que se percebe é uma grande divergência entre o que se quer fazer, *a intenção*, e o que realmente se está fazendo, *a ação*. Assim pode-se observar claramente a existência de pelo menos três conceitos diferentes relacionados à Iniciação Esportiva (IE), dentro dos quais podemos discutir a atuação dos professores.

O primeiro conceito volta-se para a aprendizagem com base na movimentação técnica específica de algum desporto. Fundamentando-se na idéia de que a criança deva ter adquirido na escola os padrões motores fundamentais e assim, na “escolinha”, estaria apta a prática dos desportos. Esta linha coloca o esporte e a criança em igualdade, sem questionamentos, apenas reproduzindo os movimentos já padronizados. Utiliza-se dos movimentos do esporte adulto com aplicação direta às crianças, sofrendo tímidas alterações, como a inclusão de pequenos jogos e suas adaptações. Esta visão, segundo Bracht (1986), é presente também na Educação Física Escolar, onde o esporte é iniciado e desenvolvido, tendo como norma o ideário do esporte de rendimento, ou seja, pensa-se a aprendizagem esportiva enquanto aprendizagem das técnicas esportivas, e tão somente isso.

Uma segunda linha semelhante à primeira, chamada por muitos autores de especialização esportiva, trata da aprendizagem das técnicas e táticas de um determinado desporto, a luz de sua regulamentação e aplicações, colocando o desporto acima da criança e de suas possibilidades e potencialidades. Como afirma Bracht (1986), esta permeia a busca do rendimento atlético, condição básica para a vitória nas competições. É o esporte para aqueles bem dotados no momento, e estes é que sobrevivem nele. Os outros são eliminados intencionalmente, ou se auto-eliminam voluntariamente. Segundo Bracht, o esporte é levado à condição de finalidade, ou seja, seria o esporte enquanto fim em si mesmo. Rochefort & Rodrigues (1991) afirmam que se pode observar a preocupação dos profissionais com resultados para a competição, sem grandes interesses voltados para valores educativos do esporte.

Existe ainda outra IE, que diferente das anteriores, preconiza uma formação mais ampla, onde as atividades corporais são multivariadas, propiciando a abertura e introdução da criança em mais de uma modalidade esportiva. Partindo do pressuposto de que é necessário oportunizar a criança, primeiramente padrões motores gerais, antes de um estudo mais aprofundado de uma determinada modalidade esportiva. Pode-se dizer que, esta linha coloca a criança em evidência sobre o esporte, pois parece atuar dentro das possibilidades e capacidades de execução das crianças, permitindo assim que ela explore seu mundo por meio do jogo, criando seus regulamentos, e de forma direta, intervindo na realização da aprendizagem. Normalmente, os professores que se utilizam desta conceituação, usam a atividade de iniciação como ponte de ligação entre os padrões motores com

os quais as crianças chegam à atividade, e as primeiras noções dos movimentos esportivos.

É bem verdade que a maioria das crianças ao procurarem uma atividade esportiva, vão com a idéia de cedo tornarem-se campeões ou porque possuem ídolos, que geralmente são atletas de destaque desta ou daquela modalidade. Para Chaves (1985), duas tem sido as saídas encontradas pelos professores para tratar dessa questão. Uns preferem mostrar que para tornar-se tão bom quanto seu ídolo, é preciso um sacrifício a mais, muita dedicação, e isso somente acontecerá caso ela se submeta a um rigoroso e criterioso programa de preparação. Outros preferem mostrar à criança que, antes de tudo, ela precisa ser ela mesma e percorrer um caminho onde possa chegar a ser um atleta, mas para isso ela irá descobrir gradativamente suas potencialidades e capacidades, e o professor está ali justamente para ajudá-la nesta caminhada.

Baseando-se nas idéias de alguns autores, entendemos que, no trato com as questões do esporte, e em especial no âmbito da IE, devemos primeiramente considerar que a aula é local onde todos devem ter direito a aprendizagem, mesmo com mais ou menos habilidade sensorial motora, intelectual e principalmente afetiva, sendo um espaço onde as atividades devem estar voltadas para a utilização do próprio corpo dentro do jogo, com regras simples e modificadas, sem um caráter essencialmente competitivo, proporcionando maiores possibilidades de conquista da criança para com sua corporeidade.

Assim, a IE segundo Rochefort & Rodrigues (1991), deve oferecer condições para que cada criança possa desenvolver suas potencialidades, onde possa experimentar todas as formas de movimento, mas principalmente, o movimento consciente, explorando suas percepções, conhecendo seu corpo, ampliando e melhorando sua capacidade de adaptação as respostas com o tempo e não de forma imediata, permitindo que no futuro, ela desenvolva-se no esporte, caso seja sua vontade, já com uma grande variedade de habilidades, que não apontariam somente para uma modalidade específica, mas também para a sua vida diária enquanto cidadão que intervém no mundo.

Para a adoção da proposta metodológica da IEU dentro das atividades do Projeto Voleibol foram necessárias algumas modificações, além da firme crença na possibilidade de alcance dos objetivos propostos. O grupo para a condução do trabalho teve de ser aumentado, começando com dez alunos e o professor e contando hoje com vinte estagiários que se dividem para atender a dois grupos de alunos, divididos de acordo com suas idades e tempo de permanência no projeto. Estes grupos foram chamados de Fase 1 e Fase 2, sendo o segundo composto especialmente pelas crianças que integram o projeto desde o início do novo processo (aproximadamente um ano e meio).

Como se trata de um projeto de extensão comunitária, aonde os alunos conduzem as atividades de ensino, resolvemos incluir um acompanhamento diário que nos permite, a partir dos dados coletados e registrados, uma intervenção científica na divulgação da experiência vivenciada no Projeto. Assim, estipulou-se a criação do "*Caderno de Registros*" onde ao final de cada aula, a dupla responsável pela mesma, transcreve suas impressões e sentimentos sobre fatos ocorridos durante a aula. Aos estagiários que não são responsáveis diretos pela aula, além do auxílio profissional, esses farão os "*Registros Imagéticos*" a partir de fotos e filmagens das atividades realizadas.

Alguns elementos do cotidiano nos permitem levantar observações que julgamos importantes, no sentido de apontar prévias conclusões sobre a metodologia.

a) A aceitação por parte das crianças às atividades propostas dentro da perspectiva do brincar e do jogar, manifestadas por suas atitudes de prazer, alegria, satisfação, interesse e envolvimento nas tarefas que lhes são oferecidas pelos estagiários, mesmo não sendo elas específicas do voleibol;

b) A facilidade que a proposta apresenta em trabalharmos com as diferenças, com a heterogeneidade e com as questões de gênero, pois, por seu caráter natural e lúdico, não evidencia os melhores ou os piores, os meninos e as meninas, os que sabem e os que não sabem; e

c) A possibilidade da discussão de outros fenômenos presentes nas atividades, que não são somente os técnicos ou táticos, como por exemplo, os valores que permeiam a prática esportiva como coleguismo, solidariedade, ajuda, compreensão, respeito, disciplina, entre outros.

Assim, ao final deste texto não deixamos conclusões, mas sim, questões para refletir. Algumas destas tiradas a partir do já vivido por nós, outras a partir do que nos dizem alguns autores. Então:

1.0 - "... o jogo desportivo só interessa na medida em que esteja adaptado a idade e possibilidades das crianças que o praticam." Cassagnol (1978)

2.0 - "... um indivíduo normal não continuará fazendo esporte se não experimentar prazer e alegria." Harris (1976)

3.0 - "... quando a satisfação e diversão só são obtidas ganhando, muitos indivíduos abandonam porque devido à natureza e estrutura do esporte, produzem-se mais perdedores do que ganhadores." Harris (1976)

Para finalizar, uma questão destacada para reflexão:

4.0 - "... pergunta-se então, qual seria a melhor base para a aprendizagem de qualquer técnica esportiva enquanto tal? Seria preferível treinar a criança desde cedo, simplesmente motivada pelo ambiente? Ou não seria mais indicado apenas sujeitá-la numa idade mais avançada a um programa de ensino bem estruturado e cumprido rigorosamente?" Diem (1977).

## **Referências Bibliográficas**

BRACHT, V. A criança que pratica esporte respeita as regras do jogo... capitalista. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas, v.7., nº 2, pág. 62-68, 1986.

CASSIGNOL, R. **Lãs cinco etapas del voleibol**. Buenos Aires, Kapelusz, 1978.

CHAVES, R. S. O treinamento, a especialização e a competição para crianças. **Revista Sprint**. Rio de Janeiro, 3(02), pág. 74-77, 1985.

GRECO, P. J. **Iniciação esportiva universal: metodologia da iniciação esportiva na escola e no clube**. Belo Horizonte, Editora da UFMG. 1998.

GRECO, P.J. & BENDA, R. N. **Iniciação esportiva universal: da aprendizagem motora ao treinamento técnico**. Belo Horizonte, Editora da UFMG, 1998.

DIEM, L. **Esporte para crianças**. Petrópolis, Vozes, 1977.

HARRIS, D. V. **Por qué practicamos deporte?** Barcelona, Jims. 1976.

ROCHFORD, R. S. & RODRIGUES, C. C. **Iniciação X Especialização Esportiva: uma análise situacional.** Pelotas, Esef/UFPel, 1991. (Relatório de Pesquisa CNPq)